

## A história do campo acadêmico do rádio no Brasil: registros referenciais para uma proposta de roteiro de percurso<sup>1</sup>

Valci Regina Mousquer ZUCULOTO<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

### Resumo

Este trabalho lança e analisa registros referenciais sobre a constituição histórica do campo acadêmico do rádio. Com base nestes apontamentos e suas reflexões, traça uma proposta de roteiro para identificar o percurso de construção do campo, sendo este seu objetivo principal. Expõe trechos do artigo homônimo lançado neste Congresso da Intercom em *e-book* comemorativo aos 25 anos do GP Rádio e Mídia Sonora<sup>3</sup>. Integra estudo maior e em construção sobre a história do radiofônico. Parte, em especial, de roteiro histórico das Ciências da Comunicação proposto por Marques de Melo (2003).

### Palavras-chave

História do Rádio; Campo Acadêmico; Ciências da Comunicação; GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom

Temos tudo feito? – Que esperança!  
Estamos apenas no início do começo...

*Edgard Roquette-Pinto em Cinzas de uma Fogueira (pelo rádio – 1923-1926)*

Apesar de se creditar à Zita o pioneirismo da pesquisa acadêmica, é a partir da década de 90 que o campo dos estudos científicos sobre o rádio realmente passa a ter visibilidade e começa a ser reconhecido como tal. É neste período, conforme Sônia Virgínia Moreira (2004, p. 124), que “o rádio é percebido pela academia”.

É possível distinguir no curso dos registros impressos sobre o rádio brasileiro algumas fases marcadamente distintas – a dos manuais de programas (em especial os jornalísticos) nos anos 1940 e 1950; a dos livros-depoimento nas décadas de 1960, 1970 e 1980 e das pesquisas acadêmicas a partir da década de 1990. Cada uma dessas fases equivale, de certo modo, à forma de percepção do rádio como meio de comunicação pela sociedade. Vejamos: o primeiro período (1940/1950) corresponde ao predomínio das técnicas, no próprio momento dos experimentos com o meio; a segunda fase (dos anos 1960 aos anos 1980) é fruto da concorrência estabelecida pela televisão, quando radialistas pioneiros

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonora, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora da Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, jornalista (UFRGS), doutora em Comunicação (PUCRS), pós-doutora (EcoPós UFRJ), coordenadora do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e da Rádio Ponto UFSC, subcoordenadora do POSJOR – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, diretora da FENAJ e SJSC. Uma das líderes do GIRAFÁ - Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio e do Núcleo de Pesquisa em Identidade, Formação e Trabalho Jornalístico. Email [valzuculoto@hotmail.com](mailto:valzuculoto@hotmail.com)

<sup>3</sup> O artigo publicado no *e-book* comemorativo, que tem trechos aqui apresentados, revisa, amplia e aprofunda o trabalho “Apontamentos históricos sobre a constituição do campo acadêmico do rádio no Brasil”, apresentado ao 6º Encontro Regional Sul de História da Mídia. Dá continuidade à pesquisa iniciada para exposição “A história do campo acadêmico do Rádio” na mesa “Historiografia Brasileira do Campo Acadêmico da Comunicação: o Estado da Arte e as Tendências Emergentes (1965-2015)”, do X SINACOM – Simpósio Nacional de Ciências da Comunicação, no Pensacom 2015.

publicam suas memórias; finalmente, nos anos 1990, o rádio é percebido pela academia. Esta o elege como objeto de pesquisa de campo e de estudos teórico-metodológicos em dissertações e teses. Assim o rádio entra no século XXI: com status de tema de estudo freqüente entre as áreas de investigação no campo da Comunicação. (MOREIRA, 2005, p. 124)

Com base neste breve contexto histórico, este trabalho apresenta trechos extraídos, resumidos e ajustados do artigo homônimo lançado neste Congresso da Intercom em *e-book* comemorativo aos 25 anos do GP Rádio e Mídia Sonora. Traz e reflete registros iniciais de referência para traçar a trajetória do campo científico do rádio. Apresenta uma proposta de mapa, de itinerário para basear uma pesquisa em construção. Propõe um roteiro periodizado historicamente tendo como inspiração o que Marques de Melo aponta como organização possível para a história das ciências da comunicação como um todo no Brasil.

Não obstante o campo venha se notabilizando a partir dos anos 40, isto não significa dizer que a mídia nunca tenha sido objeto de estudo científico no Brasil. Ao contrário, temos evidências de pesquisas anteriores, valorizando os fenômenos midiáticos e procurando elucidá-los no bojo da nossa sociedade. Por isso mesmo, a história das ciências da comunicação pode ser organizada em cinco fases, de acordo com a seguinte cronologia: Desbravamento 1873-1922; Pioneirismo 1923-1946; Fortalecimento 1947-1963; Consolidação 1964-1977; Institucionalização 1978-1997. (MARQUES DE MELO, 2003, p. 144-145)

O apoio metodológico para pesquisar essa história veio principalmente de compreensões de autores brasileiros que se destacam em estudos históricos sobre a comunicação, como Marialva Barbosa. Aqui, realço apenas alguns entendimentos da estudiosa expressos na sua obra *A História da Comunicação no Brasil* (BARBOSA, 2013).

Se considerarmos que história é tudo aquilo que do passado chegou até o presente, serão os rastros, restos e vestígios que perduraram no tempo em diversos suportes que se constituirão nas fontes a serem interpretadas para explicitar gestos e ações pretéritas. Repetidas vezes já enfatizamos que há diversas maneiras de se fazer história: pode-se considerar que traz a integralidade do passado para o presente, ou pode-se, ao contrário, apenas acreditar que é narrativa e interpretação possível. Isso não tira dela seu caráter científico: ao ter a outorga para falar do passado, presume-se que os tempos idos que coloca em cena sejam o verdadeiro passado. Essa expectativa de que a história revela o passado e o fato de o conhecimento histórico pressupor um pacto que permite ao historiador descrever situações que existiram antes de sua existência constroem a narrativa da história sem a presunção de dúvidas para com o passado. O passado buscado e narrado pelo historiador será assim, mesmo que apenas verossímil, sempre o verdadeiro passado. (BARBOSA, 2013, p. 8)

Amparada sobretudo nesta reflexão de Marialva Barbosa é que busquei rastros, restos, gestos, ações e vestígios sobre a constituição do campo acadêmico radiofônico. A priori, levei em consideração que, inserido na Comunicação, o campo acadêmico do rádio no Brasil constitui-se imbricado com os seus demais segmentos. Têm um “perfil híbrido” e o seu percurso construtor se dá notadamente dentro do Jornalismo. Isto por ser o Jornalismo que hegemoniza a construção das Ciências da Comunicação nacional, conforme Marques de Melo (2003, p. 144).

Conforma-se, portanto, uma comunidade de cientistas da comunicação, dotada de perfil híbrido. Alguns pertencem aos diferentes setores da comunicação de massa (com hegemonia do jornalismo), outros procedem das disciplinas conexas (humanidades e ciências sociais). (MARQUES DE MELO, 2003, p. 144)

### **Campo acadêmico do rádio: registros históricos para identificar dos precursores à consolidação**

Integrante da comunidade nacional, o segmento radiofônico evidencia ser uma das melhores representações de como ocorreu a construção do campo científico da comunicação. Seu percurso próprio, específico, está imbricado com a trajetória dos demais segmentos da área. Mais que imbricado inclusive, é parte indissociável e também determinante desta trajetória das ciências comunicacionais brasileiras.

A constituição do campo científico da Comunicação no Brasil, como de resto na Europa e na América do Norte, teve como pano de fundo convergências e tensões entre saberes profissionais, pragmatismo empresarial, estratégias governamentais e investigação acadêmica. O processo de formação da comunidade brasileira das Ciências da Comunicação foi naturalmente afetado pelo desenvolvimento peculiar desse novo campo no cenário internacional. Hoje o Brasil possui uma dinâmica e expressiva comunidade acadêmica na área, reconhecida e respaldada pelo sistema nacional de ciência e tecnologia. Sua agenda pública mantém sintonia com as tendências hegemônicas na comunidade internacional respectiva, intensificando-se agora o processo de sua legitimação interna pela comunidade profissional/empresarial com a qual interage criticamente. (MARQUES DE MELO, 2003, p. 141).

Tomando como guia este cenário desenhado pelo teórico para o campo científico da comunicação é que alinharei uma periodização por fases para explicitar a história do campo do rádio. Ressalto que a configuração do segmento de estudos radiofônicos encaixa-se, com adequação e revisão de datas e períodos, no roteiro da “Constituição da comunidade acadêmica brasileira” que Marques de Melo projetou em *História do Pensamento*

*Comunicacional* (2003, p. 141-174). Ressalvando que, no caso do rádio, a cronologia brasileira do campo, mesmo que adotando seu advento com Zita, em 1965, pode ser considerada desde os tempos pioneiros da radiofonia no país. Daquela época, não se registram estudos efetivamente acadêmicos, mas em especial seus profissionais já então ensaiavam textos de reflexões críticas sobre o meio.

Assim, verifico que, tal qual nas Ciências da Comunicação como um todo, a constituição do campo de investigações em rádio indica, sim, o perfil híbrido que Marques de Melo observou na área. Profissionais e intelectuais da fase caracterizada como “Rádio Pioneiro” na história do meio no Brasil, aqui nas décadas de 20 e 30, é que são desbravadores, precursores. Portanto, em roteiro específico para o rádio, há que se renomear as fases e categorizá-las também de acordo com sua cronologia própria. Até porque, mesmo que os estudos de início sejam muito incipientes e focados em orientações e discussões sobre a prática, o campo segue o desenvolvimento do meio, suas rotinas produtivas e modos de recepção, concordando com reflexão de Sônia Virginia Moreira (2005) acerca da história da pesquisa nacional sobre rádio. Uma das observações determinantes já constatada é que o GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom enquanto núcleo aglutinador de pesquisadores e estes próprios estudiosos, especialmente em atuações coletivas no grupo ou em outros espaços, constituem um protagonismo evidente nessa trajetória.

Para partir da formação do campo acadêmico da comunicação como um todo, identifiquei que se desenvolve mais sistematizadamente e fortalecido com “os primeiros cursos superiores de jornalismo e depois da criação dos pioneiros institutos de pesquisa de audiência da mídia” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 143). Os anos 40 marcam a instalação dos cursos de comunicação, com preponderância dos voltados ao ensino do Jornalismo, e de início com uma produção científica bem mais ensaística. É nos anos 60 que se verifica um incremento e um desenvolvimento maior da pesquisa, justamente no período classificado de “fortalecimento” por Marques de Melo (2003, p. 143) na sua cronologia da constituição das Ciências da Comunicação. É quando as “emergentes escolas de comunicação iniciam atividades regulares de pesquisa”, afirma ele.

Mesmo se desenvolvendo inserido no preponderante campo jornalístico, como jornalismo radiofônico, o meio tem sua história própria e não somente como subcampo. A sua construção histórica nem sempre coincide nos tempos e espaços com os do campo geral das Ciências da Comunicação, mas pode seguir um roteiro similar pelo fato dele ser parte.

No caso do rádio, trata-se inclusive de um processo histórico que pode ser visto como anunciado, pois antes mesmo do campo acadêmico começar a se constituir, o pensar sobre o fazer radiofônico e sobre como ensiná-lo/aprendê-lo já emergia por meio de profissionais das rádios Sociedade (esta ainda nas décadas 20 e 30 do século passado) e depois MEC (a partir de 1936), Nacional (também a partir de 36), entre outras emissoras pioneiras e que foram expoentes ou referenciais na chamada Era de Ouro da radiofonia brasileira. Roquette-Pinto e Saint Clair Lopes são exemplos mais destacados dessas épocas. Faziam e pensavam sobre o rádio ao mesmo tempo. Saint Clair Lopes, também por exemplo, mais tarde foi inclusive professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). De Roquette-Pinto, um texto que ilustra bem este período de pré-conformação, antes mesmo de advento marcado e propriamente científico, é “Cinzas de uma fogueira (pelo rádio – 1923-1926)”. Trata-se de um trecho do livro de sua autoria intitulado *Seixos Rolados* (1927), em que Roquette-Pinto defende o papel do rádio como meio de comunicação, especialmente sua função educativa.

Todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil receberão, livremente, o conforto moral da ciência e da arte; a paz será realidade definitiva entre as nações. Tudo isso há de ser o milagre das ondas misteriosas que transportam no espaço, silenciosamente, as harmonias. [...] O TSF, nesse conjunto, representa o papel preponderante de guia diretor, grande fecundador de almas, porque espalha a cultura, as informações, o ensino prático elementar, o civismo, abre campo ao progresso, preparando os tabaréus, despertando em cada qual o desejo de aprender. Muita gente acredita que o papel educativo do radiofônio é simplesmente um conceito poético, coisa desejável, mas difícil ou irrealizável. Quem pensa desse modo não conhece o que se está fazendo no resto do mundo e, o que é melhor: o que se faz no Brasil. Há mais de três anos, começamos a praticar aqui a radiotelefonía educativa. Mau grado todas as dificuldades esperadas e encontradas, já agora temos em mãos documentos que provam a perfeita possibilidade de executar, no Brasil, um grande plano de educação e de instrução pública, mediante o telefônio sem fios (ROQUETTE-PINTO, 2008, p. 22-23).

Uma demonstração de que escritos e reflexões de Roquette-Pinto a respeito da radiofonia pioneira, acima de tudo esse fragmento, representam um desbravamento da trajetória dos estudos radiofônicos está no fato de constar numa obra coletânea do GP Rádio e Mídia Sonora: *Teorias do Rádio – textos e contextos, Volume II* (MEDITSCH; ZUCULOTO, 2008). Obra que justamente se propõe a recuperar textos teóricos de referência sobre o meio e contextualizá-los cientificamente. Nesse volume, coube a Luiz Artur Ferraretto discutir o texto daquele que é considerado o pai do rádio brasileiro.

Nomeando seu artigo como “Roquette-Pinto e o ensino pelo rádio”, Ferraretto (2008, p. 27-35) credencia a atuação do cientista-radialista como de um produtor de conhecimento e teoria sobre o rádio.

[...] o intelectual que, com fôlego redobrado, desde os anos 20, vinha defendendo o uso de tecnologias como a radiodifusão e o cinema em processos educativos como forma de tirar parcelas significativas da sociedade da miséria, porque acreditava ele, não há desengano maior do que a falta de conhecimento. (FERRARETTO, 2008, p. 28)

“Cinzas de uma fogueira” e também outros textos de Roquette-Pinto, além de sua carreira e obra, constam do volume a ele dedicado na Coleção Educadores do MEC. Lançado em 2010, sob o título *Edgar Roquette-Pinto*, tem como autor Jorge Antônio Rangel. Essa obra, também disponível na versão *e-book*, distingue particularmente o perfil educador de Roquette-Pinto, mas, como ele próprio o imbricou com sua ação à frente do rádio, também se observa, no livro, sua ação desbravadora como pensador sobre o radiofônico. Na apresentação, o próprio então Ministro da Educação, Fernando Haddad, ao expor os objetivos da publicação, exalta a importância dos pensadores que integram a coleção, assim reconhecendo também o pensamento de Roquette-Pinto.

O propósito de organizar uma coleção de livros sobre educadores e pensadores da educação surgiu da necessidade de se colocar à disposição dos professores e dirigentes da educação de todo o país obras de qualidade para mostrar o que pensaram e fizeram alguns dos principais expoentes da história educacional, nos planos nacional e internacional. Para concretizar esse propósito, o Ministério da Educação instituiu Comissão Técnica em 2006, composta por representantes do MEC, de instituições educacionais, de universidades e da Unesco que, após longas reuniões, chegou a uma lista de trinta brasileiros e trinta estrangeiros, cuja escolha teve por critérios o reconhecimento histórico e o alcance de suas reflexões e contribuições para o avanço da educação. (HADDAD, 2010, p. 7)

Depois da fase pioneira do meio, a qual como campo de estudos aqui se identifica como de desbravamento, época dos precursores, veio a chamada Era do Rádio, seu período classificado como de Ouro. Já para a conformação do campo acadêmico que se investiga no presente estudo, esta etapa se classificou como pioneira, onde desbravadores, os da sua fase mais primitiva, seguem presentes e permanecem discutindo e orientando sobre a prática radiofônica. Sobretudo da metade dos anos 60 em diante é que se evidencia o advento mesmo do campo científico do rádio, inserido na trajetória das Ciências da Comunicação como um todo. Esfera esta que já vinha, então, construindo sua história e tem nessa década um momento determinante, como bem coloca o professor Marques de Melo, destacando o Seminário do CIESPAL no Rio de Janeiro, em 1965.

Para o rádio em especial, o evento representou mais ainda: foi o marco que consagrou o pioneirismo de Zita de Andrade Lima nos estudos radiofônicos e também deu visibilidade a reflexões de outros profissionais do meio. Além de Zita, o Seminário reuniu Saint Clair Lopes e outros radialistas e radiojornalistas. Inclusive há registros de participação da Associação de Radioperiodistas do Rio de Janeiro. Em debate, reflexões profissionais, mas que já ensaiavam estudos científicos, especialmente no caso Zita de Andrade Lima. No Seminário, Zita, já formada em Jornalismo, retornando de curso no CIESPAL, em Quito, no Equador, e ingressando no mestrado na UnB, apresentou uma comunicação intitulada “Situação atual dos meios de comunicação e sua influência no desenvolvimento político, cultural e socioeconômico das nações”. Era a pioneira estreando seus estudos científicos sobre a radiofonia e, assim, marcando o advento efetivo da constituição do campo acadêmico do rádio no Brasil.

A comunicação era de uma pesquisadora estreadora. Porém, os dados que apresentou, comparou e analisou oferecem, ainda hoje, um diagnóstico bastante apurado do cenário midiático da época e acima de tudo do panorama radiofônico. [...] Com base em resultados de pesquisas e estudos nos quais estava envolvida, Zita não tinha dúvidas que o rádio era, naqueles históricos anos de 1960 e 1970, o meio com maior capacidade de responder às necessidades de comunicação do povo nordestino. Mostrou-se certa, também, nos motivos deste potencial que reconhecia no rádio, mesmo que o veículo estivesse, então, perdendo ou disputando público com a nova mídia televisão. (ZUCULOTO, 2015, p. 292)

Zita Andrade é demarcadora, tanto que num necessário e justo resgate, pesquisadores sobretudo da área do rádio lançaram, no ano passado, o livro *Radialismo no Brasil – Cartografia do Campo Acadêmico (Itinerário de Zita, a pioneira)*, organizado por Marques de Melo e Nair Prata (2015). Na obra, vislumbra-se não somente o pioneirismo de Zita, que fez sua estreia como pesquisadora acadêmica do rádio em 1965 e que em 1967 concluiu a primeira dissertação de pós-graduação sobre o meio, o já referido livro *Princípios e Técnicas de Radiojornalismo*, publicado em 1970. O livro *Radialismo no Brasil* é uma das principais publicações do levantamento bibliográfico que me auxiliaram a evidenciar registros que aqui trago. Cito alguns dos principais capítulos de onde os extraí: “O que é preciso ler para entender o Rádio e compreender o Radialismo”, de Antônio da Costa, Goretti Sampaio Freitas, Luiz Custódio da Silva e Moacir Barbosa de Souza (2015, p. 27-48); “Hipóteses de trabalho”, de Marcelo Kischinhevsky (2015, p. 301-307); “O campo acadêmico do Radialismo no Brasil: cenários possíveis”, de Nair Prata, Maria Claudia Santos, Sônia Caldas Pessoa, Wanir Campelo (2015, p. 104-134). Não compõe o

livro, mas também traz registros para uma historiografia do campo o artigo “Introdução à Técnica Radiofônica, organizada por Mário de Moura em 1956: nas referências de Zita, a primeira coletânea sobre técnicas de rádio publicada no Brasil”, de Eduardo Meditsch (2015).

Na década de 60, ainda na fase dos pioneiros na constituição do campo acadêmico, onde a sua natureza híbrida de constituição se sobressai, encontra-se Walter Sampaio como justa expressão deste perfil que mescla profissional e acadêmico. E no seu caso, de forma bastante inusitada. Foi professor e aluno ao mesmo tempo no período de implantação do curso de jornalismo na USP.

Formado na antiga Escola de Comunicações Culturais da USP (Universidade de São Paulo), hoje Escola de Comunicações e Artes – ECA, Walter Sampaio conseguiu o mérito e a honra de se tornar professor e aluno da primeira turma do curso de jornalismo ao mesmo tempo. No momento de estruturação do curso, Walter foi convidado para “pensar” junto com outros pesquisadores a formação do curso, mas num ato de humildade (típico de sua personalidade) decidiu contribuir prestando vestibular e entrando para a academia pelo primeiro passo que é sendo discente. (VALLE, 2008, p. 49)

Em uma escola ainda em estruturação e em uma época de poucos educadores com formação específica para atuar nos novos cursos da área da comunicação, a saída foi buscar professores no mercado profissional. Por isso, não demorou muito para Walter Sampaio, um radialista de reconhecida competência, assumir a condição inusitada de ser tanto aluno quanto professor da USP.

O interessante deste percurso é que, superado o constrangimento de “dar” notas para seus próprios colegas, suas notas eram decididas por meio de reuniões de professores que, juntos, qualificavam o aluno-professor. E ao se formar, por insistência do professor e colega José Marques de Melo, Walter compilou suas fichas de aula, que redigiu junto com os alunos-colegas, confeccionando o livro *Jornalismo Audiovisual – Teoria e Prática do Jornalismo no Rádio, TV e Cinema*. Publicado em apenas duas edições, totalmente esgotadas, o livro é pioneiro, assim como o autor, na discussão da prática do rádio, tele e cinejornalismo. (VALLE, 2008, p. 49)

Outra fonte que levantei como obrigatória para propor o mapa que permite traçar a historiografia do campo é a pesquisa de Dóris Fagundes Haussen (2004) intitulada “A produção científica sobre o rádio no Brasil: livros, artigos, dissertações e teses (1991-2001)”, onde se encontra um mapeamento dos livros, artigos, dissertações e teses sobre o rádio no Brasil publicados naquele período. Neste trabalho, a pesquisadora demonstra que,



efetivamente, a década de 90 foi profícua para o avanço e fortalecimento do campo. Sua pesquisa registrou 63 livros, 82 artigos e 105 teses e dissertações. Apontou que os pesquisadores, naquele período, ainda dedicavam-se principalmente a recuperar a história do rádio. Tal resultado observei como natural num campo que recém começava a se consolidar após ter sido realmente sancionado pela academia brasileira no país.

Outros focos são a política, o radiojornalismo, as rádios comunitárias e alternativas assim como pesquisas sobre a recepção, denotando que o campo, como não poderia deixar de ser, ao mesmo tempo em que se debruçava na necessária recuperação do passado, também realizava investigações que dessem conta de acompanhar o presente histórico. Dessa forma, o campo acadêmico prossegue com sua característica de sintonia fina com o mercado profissional, para que a pesquisa científica resulte em contribuições também para o desenvolvimento do meio. O artigo de Haussen detecta que ainda se apresentam lacunas. Compreende-se, aqui, que essas lacunas são evidenciadas e se sobressaem como importantes porque o campo segue se fortalecendo. É natural que um segmento científico, sobretudo ao rumar para a consolidação, produza também autocrítica e aprofunde a investigação sobre si próprio.

Também é outra obra fundamental para se refletir a constituição histórica do campo acadêmico do rádio no Brasil o artigo “Pesquisa em rádio no Brasil – o protagonismo do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom”, da já citada pesquisadora Nair Prata (2015, p. 219-238). Prata, para quem a pesquisa em rádio teve “início tardio”, evidencia assim a conformação dos estudos científicos sobre o meio:

A pesquisa em rádio no Brasil teve seu início efetivo nos anos 1980. Até então, as produções eram isoladas, capitaneadas principalmente por profissionais da comunicação. Em 1991, a criação de um grupo, pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), com o objetivo de pesquisar exclusivamente o rádio, catapultou a área como locus privilegiado de investigação. (PRATA, 2015, p. 219)

Não se trata propriamente do início, mas foi quando a pesquisa deslanchou de forma efetiva, inclusive com investigação coletiva e mais organizada, com pesquisadores reunindo-se organicamente com a fundação do GP de Rádio da Intercom. Entretanto, como se pode observar mesmo nos levantamentos iniciais, o campo acadêmico já vinha se constituindo e contava, então, com uma história de 15 anos.

Para construir uma cronologia periodizada e histórica, ainda levantei registros de pesquisadores com obras e ações referenciais que precisam ser refletidos como

demarcadores, em especial Gisela Ortriwano, e que mesmo antes da década de 90 já contribuem para uma visibilidade e expressão dos estudos radiofônicos como campo em composição. Isto ocorre nos anos 70 e 80. Gisela Ortriwano é seu principal expoente, cursando Jornalismo (1972), Mestrado (1982) e Doutorado (1990) na ECA-USP ou atuando como profissional e professora de rádio, conforme relato de sua carreira feito em artigo de Ricardo Peruchi e Lígia Maria Trigo-de-Souza (2008), no segundo volume de *Teorias do Rádio*. Tanto sua pesquisa de mestrado quanto a de doutorado foram focadas em rádio e resultaram em trabalhos canônicos sobre o meio.

[...] o mestrado viria em 1982 com o título *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*, publicado pela Summus Editorial em 1985. O trabalho traça um panorama do Rádio no Brasil, desde sua fase de implementação, até as tendências que se apresentavam à época e que se confirmaram posteriormente – como a especialização das emissoras, a formação de redes e o fenômeno das rádios livres. [...] o trabalho tornou-se desde então, e permanece, uma das mais importantes referências para o estudo do Rádio no Brasil, adotado nos cursos de Comunicação de todo o país, também em Portugal e em outros países da América do Sul, além de ser presença constante nas bibliografias de teses e artigos sobre o tema. (PERUCHI; TRIGO-DE-SOUZA, 2008, p. 71-72)

O estudo do doutorado, concluído em 90, não foi publicado em livro, mas nem por isso deixa de ser consulta sancionada na academia e ainda hoje obrigatória para a compreensão do meio. Ao se titular, Gisela Ortriwano também se consagra uma pioneira no campo, pois se tornou a primeira doutora, no Brasil, com tese específica sobre rádio.

A tese foi defendida em 1990, sob o título de “Os (des)caminhos do Radiojornalismo”, tornando-se o primeiro doutorado em Rádio do país, que permanece ainda inédito em livro. Ao longo de 210 páginas, busca identificar e avaliar os fatores que impedem a plena utilização do Rádio como meio jornalístico. Com a ausência de obras completas sobre o assunto, se calça em pesquisas bibliográficas, entrevistas abertas e depoimentos de profissionais ligados à área, e também na observação, pelos bastidores e pela programação veiculada, dos rumos que o Radiojornalismo tomava na cidade de São Paulo. (PERUCHI; TRIGO-DE-SOUZA, 2008, p. 71-72)

Poucos anos depois, em 1993, Dóris Haussen também defende seu doutorado na ECA/USP, com a tese “Rádio e política: tempos de Vargas e Perón”. Os dois doutorados emblemáticos para o rádio estão inseridos no movimento geral da constituição histórica das Ciências da Comunicação traçada por Marques de Melo. Para o teórico, a ECA

“desempenhou papel fundamental na sedimentação do campo acadêmico da comunicação no Brasil” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 161).

[...] a arrojada Escola de Comunicações da USP assume a liderança nacional e lança novos paradigmas pedagógicos ou científicos. Sua principal iniciativa, capaz de motivar pesquisadores e aglutinar docentes em início de carreira, foi a criação de um Programa de Doutorado, de acordo com os padrões europeus então vigentes. Inscreveram-se cerca de duas dezenas de professores vinculados aos diferentes segmentos comunicacionais [...]. Serão esses doutores titulados no próprio campo que irão dar identidade ao primeiro programa de Mestrado em Ciências da Comunicação no país, implantado na ECA em 1972, cujo corpo docente fora constituído endogenamente por pesquisadores originários de outros campos do saber, agregando, com raras exceções doutores em comunicação diplomados em universidades estrangeiras, o que lhe deu inicialmente uma fisionomia interdisciplinar. (MARQUES DE MELO, 2003, p. 163-164)

Embora não com foco exclusivo em rádio, também o doutoramento de Antônio Adami em Semiótica e Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 1994, com a tese “As Adaptações Literárias para o Cinema e a Televisão”, é representativo, por se tratar de um pesquisador atuante no campo. Na sequência, sobressaem Eduardo Meditsch, doutorado em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Universidade Nova de Lisboa, em 1997, com a tese “A especificidade do Rádio Informativo: um estudo da construção, discurso e objetivação da informação jornalística no rádio a partir de emissoras especializadas de Portugal e do Brasil em meados dos anos 90”, e Sônia Virgínia Moreira, doutora em Ciências da Comunicação pela USP, com “O Rádio chega ao século XXI: tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil”, em 1999.

Também registrei como fundamental para a consolidação do campo radiofônico o GT História da Mídia Sonora da Alcar, a Associação de Pesquisadores de História da Mídia, fundada em 2001 como Rede Alfredo de Carvalho. O GT está em atividade desde 2003. “Grupo Temático História da Mídia Sonora: trajetória, contribuições e perspectivas”, trabalho apresentado por Nair Prata e Kamilla Avelar (2015) no décimo Encontro Nacional da entidade forneceu alguns dos apontamentos que permitiram destacar sua importância para a trajetória do campo.

A trajetória do Grupo Temático História da Mídia Sonora se confunde com a própria história do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. O grupo da Alcar começou a funcionar em 2003, quando o da Intercom, nesta época, já estava consolidado. O caminho natural, então,

foi a comunhão dos grupos. Os pesquisadores são predominantemente os mesmos e até a lista na internet é compartilhada, já que as áreas de interesse são as mesmas. [...] Após dez encontros nacionais e outros tantos regionais, é claro o papel protagonista do GT História da Mídia Sonora no resgate da trajetória do seu campo. Os principais pesquisadores de história do rádio fazem parte do GT, apresentam suas pesquisas nos eventos e apontam os rumos que devem ser seguidos pelos iniciantes. Além disso, o GT tem sido coordenado por expoentes da investigação em história da mídia sonora, o que coloca o grupo em evidência, mas, ao mesmo tempo, enfrenta provocações próprias inerentes ao seu papel. (PRATA; AVELAR, 2015, p. 6-14)

A constituição do campo igualmente passa pelos GTs de Extensão e de Produção Laboratorial – Eletrônicos do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, o FNPJ. Institucionalizado em 2004, já realizou 15 Encontros Nacionais, nos quais, entre as pesquisas apresentadas, encontram-se, a cada edição, vários trabalhos centrados no rádio. São, de início, vários relatos de experiência, mas, à medida que o Fórum se consolida enquanto espaço também de produção e debate científicos, os trabalhos acompanham o rumo em direção à pesquisa. O FNPJ, além disso, realiza encontros regionais. Ou seja, emerge como mais um espaço que está contribuindo para desenvolver o campo.

### **Tendências contemporâneas e uma proposta de roteiro**

Trago ainda alguns números do GP Rádio e Mídia Sonora, levantados no seu último encontro, no ano passado, no Intercom, do Rio de Janeiro. Expressam bem as tendências emergentes de pesquisa no campo. Foram 56 artigos selecionados para apresentação e 52 efetivamente expostos no Rio Janeiro pelos seus autores. Estes têm como temas preponderantes, em ordem de prevalência: “História do rádio” (em função da mesa especial sobre a trajetória de Zita de Andrade Lima); “Tendências contemporâneas do rádio e da comunicação sonora”, incluindo debates sobre tecnologias, modelo de negócio e configuração do mercado; “Interfaces do rádio” e a seguir verificaram-se temáticas relacionadas ao “Radiojornalismo” e à “Linguagem sonora e rádio-arte”. Também se destacaram os artigos refletindo Rádio Esportivo.

Na edição de 2015 do congresso da Intercom, o GP de novo promoveu mesas especiais, principalmente prosseguindo o debate com o mercado, compreendendo-se este no seu sentido mais amplo, de todos sistemas, espaços, modelos e segmentos de prática do rádio, e não apenas como comercial. Promoveu uma mesa de debates sobre a migração do AM para o FM com a participação tanto de acadêmicos quanto de profissionais. A busca de reflexão em conjunto com o mercado é uma das características do Grupo que resgatam não

só as raízes de conformação híbrida do campo, mas a importância que o segmento acadêmico atribui para a contribuição deste diálogo no avanço dos estudos sobre rádio.

Ainda conforme o relatório da coordenação do GP, tendo na sua composição Valci Zuculoto, Marcelo Kischinhevsky e Débora Lopez (2015), o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora refletiu, mais uma vez em 2015, seu caráter diverso, multidisciplinar e inclusivo, o que pode perfeitamente ser observado como característica do campo como um todo. Em relação ao escopo de investigação, a interdisciplinaridade está presente nos trabalhos apresentados, espelhando pontos fundamentais da ementa do grupo. Entre outras, na edição de 2015, destacaram-se o diálogo entre o mercado e academia, o desenvolvimento teórico e a preocupação com o apuro metodológico. Contou, inclusive, com pesquisas que analisam e criticam a própria produção do grupo, assim estimulando o crescimento e a melhoria da qualificação dos estudos e de seus pesquisadores.

Durante o Intercom do Rio de Janeiro, também foi lançada mais uma publicação coletiva do segmento e em conjunto com pesquisadores portugueses – *Rádio em Portugal e no Brasil: trajetórias e cenários* (OLIVEIRA; PRATA, 2015) –, projetando, com mais visibilidade e consistência, o avanço da caminhada rumo à necessária internacionalização do campo. Percurso que há poucos anos vinha sendo ensaiado, com produções e pesquisas mais esporádicas e em pequenos grupos ou individualizadas, mas que mais recentemente evidenciou que deve ter permanência enquanto campo, em especial a partir desse livro que reuniu o GP da Intercom e o Grupo de Pesquisa Rádio e Meios Sonoros da Sopcom.

*Rádio em Portugal e no Brasil: trajetória e cenários* é uma obra que reúne estudos de dois grupos de pesquisa, organizados à escala nacional, no contexto das duas principais associações científicas de Ciências da Comunicação de Portugal e do Brasil, respectivamente, a Sopcom e a Intercom. [...] A rádio é uma das expressões da contemporaneidade [...] Mas o seu estudo, de um modo sistemático e organizado em equipas de pesquisa, dá ainda em Portugal os primeiros passos, quando no Brasil se investiga, deste modo, há mais de duas décadas. Por muito diferentes, todavia, que sejam as origens e os contextos da investigação em rádio, em Portugal e no Brasil, é iniludível a importância que tem esta área para a compreensão da nossa época, e também para o entendimento do que sejam, tanto a sociedade brasileira, como a sociedade portuguesa. [...] *Rádio em Portugal e no Brasil* estabelece uma linha de rumo para os Estudos de Rádio nestes dois países. [...] Mas o que está em jogo neste volume vai muito mais além, pois que se trata de traçar o modelo de análise de uma realidade nova: *Rádio em Portugal e no Brasil* propõe-se dotar este campo de estudo de um contexto luso-brasileiro de investigação, reflexão e debate. (MARTINS, 2015, p. 5-8)

Com base no roteiro traçado por Marques de Melo e a partir dos apontamentos históricos já aqui registrados e refletidos, foi possível esboçar a seguinte proposta de periodização para o campo de estudos científicos em rádio:

Século 20 Anos 20/30/40 – 1º período – Fase dos Precursores; Anos 50/60 (meados) – 2º período – Fase do Pioneirismo; Anos 70/80 – 3º período – Fase de Organização; Anos 90 – 4º período – Fase de Fortalecimento.

Século 21 Anos 00 – 5º período – Fase da consolidação nacional e início da internacionalização; Anos 10 – 6º período – Fase da consolidação internacional.

Traçado esse roteiro, a proposição é dar seguimento à pesquisa. Não somente para aprofundar o (re)conhecimento do campo científico como também da história do próprio meio, em especial no momento em que mais uma vez o rádio sofre transformações determinantes. E quando, igualmente mais uma vez, exhibe sua permanência como meio de comunicação e informação que tem conseguido reinventar-se, adequar-se às modificações e que é imprescindível socialmente. Se o meio tem tamanha importância, necessidade e sentido de permanência, da mesma forma é fundamental a consolidação e o avanço do seu campo de estudos e o seu (re)conhecimento. Por isso, para encerrar este artigo, proponho novamente refletir sobre o que diz Roquette-Pinto (2008, p. 23) em “Cinzas de uma fogueira”: “Temos tudo feito? – Que esperança! Estamos apenas no início do começo...”

## Referências

- BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- COSTA, Antônio da; FREITAS, Goretti Sampaio; CUSTÓDIO DA SILVA, Luiz; BARBOSA DE SOUZA, Moacir. O que é preciso ler para entender o Rádio e compreender o Radialismo. In: MARQUES DE MELO, José; PRATA, Nair. **Radialismo no Brasil – Cartografia do campo acadêmico (Itinerário de Zita, a pioneira)**. Florianópolis: Insular, 2015.
- FERRARETTO, Luiz Artur. Roquette-Pinto e o ensino pelo rádio. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (org). **Teorias do Rádio – textos e contextos Volume II**. Florianópolis: Insular, 2008.
- HADDAD, Fernando. Apresentação. In.: RANGEL, Jorge Antonio. **Edgard Roquette-Pinto**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores MEC)
- HAUSSEN, Dóris Fagundes. A produção científica sobre o rádio no Brasil: livros, artigos, dissertações e teses (1991-2001). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 25, dez. 2004.
- \_\_\_\_\_. Memória dos textos sobre rádio publicados na Revista Intercom (2002-2012). In: Encontro Nacional de História da Mídia, 10, GT História da Mídia Sonora, 2015. **Anais...** Porto Alegre: Alcar; UFRGS, 2015.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. Hipóteses de trabalho. In: MARQUES DE MELO, José; PRATA, Nair. **Radialismo no Brasil – Cartografia do campo acadêmico (Itinerário de Zita, a pioneira)**. Florianópolis: Insular, 2015.
- LIMA, Maria José de Andrade. **Princípios e Técnica de Radiojornalismo**. Brasília: ICINFORM, 1970.

- MARQUES DE MELO, José. **História do Pensamento Comunicacional – Cenários e Personagens**. São Paulo: Paulus, 2003.
- MARQUES DE MELO, José; PRATA, Nair (org.). **Radialismo no Brasil – Cartografia do campo acadêmico (Itinerário de Zita, a pioneira)**. Florianópolis: Insular, 2015.
- MARTINS, Moisés de Lemos. Prefácio. Uma nova frente de pesquisa luso-brasileira – a rádio e os meios sonoros na construção da comunidade lusófona de Ciências da Comunicação. In: OLIVEIRA, Madalena; PRATA, Nair (org.). **Rádio em Portugal e no Brasil: trajetórias e cenários**. Braga, Portugal: CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2015.
- MEDITSCH, Eduardo. Introdução à Técnica Radiofônica, organizada por Mário de Moura em 1956: nas referências de Zita, a primeira coletânea sobre técnicas de rádio publicada no Brasil. In.: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38, Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, XV, GP Rádio e Mídia Sonora, 2015. *Anais...* Rio de Janeiro: Intercom; UFRJ, 2015.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. Da memória particular aos estudos acadêmicos: a pesquisa sobre rádio no Brasil. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Comunicação, Acontecimento e Memória**. São Paulo: Intercom, 2005. p. 124-128.
- PERUCHI, Ricardo; TRIGO-DE-SOUZA, Lúgia Maria. Gisela Ortrivano e o estudo de rádio no Brasil. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (org.). **Teorias do Rádio – textos e contextos Volume II**. Florianópolis: Insular, 2008.
- PRATA, Nair. Pesquisa em rádio no Brasil – o protagonismo do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. In: OLIVEIRA, Madalena; PRATA, Nair (org.). **Rádio em Portugal e no Brasil: trajetórias e cenários**. Braga, Portugal: CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2015.
- PRATA, Nair; AVELAR, Kamilla. Grupo Temático História da Mídia Sonora: trajetória, contribuições e perspectivas. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 10, GT História da Mídia Sonora, 2015. *Anais...*Porto Alegre: Alcar; UFRGS, 2015.
- PRATA, Nair; SANTOS, Maria Cláudia; PESSOA, Sônia Caldas; Campelo, Wanir. O campo acadêmico do Radialismo no Brasil: cenários possíveis. In: MARQUES DE MELO, José; PRATA, Nair (org.). **Radialismo no Brasil – Cartografia do campo acadêmico (Itinerário de Zita, a pioneira)**. Florianópolis: Insular, 2015.
- RANGEL, Jorge Antonio. **Edgard Roquette-Pinto**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores MEC)
- ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Seixos rolados: estudos brasileiros**. Rio de Janeiro: Mendonça & Machado, 1927.
- \_\_\_\_\_. Cinzas de uma fogueira (pelo rádio – 1923 -1926). In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (org.). **Teorias do Rádio – textos e contextos Volume II**. Florianópolis: Insular, 2008.
- VALLE, Luciane do. **Walter Sampaio e o jornalismo audiovisual**. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (org.). **Teorias do Rádio – textos e contextos Volume II**. Florianópolis: Insular, 2008.
- ZUCULOTO, Valci. “Arriba Zita”! A “chimbica” que virou “cobra” e suas análises de conjuntura. In: MELO, José; PRATA, Nair (org.). **Radialismo no Brasil – Cartografia do campo acadêmico (Itinerário de Zita, a pioneira)**. Florianópolis: Insular, 2015.
- ZUCULOTO, Valci; KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Débora. **Relatório de avaliação dos grupos de pesquisa do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom: GP Rádio e Mídia Sonora**. Rio de Janeiro, 2015.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.